

4. A reminiscência da verdade e da felicidade

Nous avons une idée du bonheur et nous ne pouvons y arriver. Nous sentons une image de la vérité et ne possédons que le mensonge. Incapables d'ignorer absolument et de savoir certainement, tant il est manifeste que nous avons été dans un degré de perfection dont nous sommes malheureusement déçus.

(Laf. 131/Sel. 164)

Nous avons une idée de la vérité invincible à tout le pyrrhonisme.

(Laf. 406/Sel. 25)

Il leur reste quelque instinct impuissant du bonheur de leur première nature.

(Laf. 149/Sel. 182)

Reminiscência *s.f.* (s. XV) **1** imagem lembrada do passado; o que se conserva na memória **2** lembrança vaga ou incompleta **3** sinal ou fragmento que resta de algo extinto **4** FIL no *platonismo*, lembrança de uma verdade que, contemplada pela alma no período de desencarnação (o entremeio que separa suas existências materiais), ao tornar à consciência se evidencia como o fundamento de todo o conhecimento humano; anamnese □ ETIM lat. *reminiscentīa, ae*, ‘lembrança’, ‘recordação’.

(Dicionário Houaiss de língua portuguesa, 2009)

O termo *reminiscência* não aparece, tal e qual, nos *Pensamentos* de Pascal; sendo, contudo, associável a diversas noções expressas ao longo da obra, que lhe são inteiramente equivalentes. De modo sempre muito vago, esparso, Pascal aduz, inúmeras vezes, um “sentimento”, uma “lembrança”, uma “imagem”, uma “luz confusa”, um “desejo”, uma “ideia” que trazemos conosco. Essa “reminiscência” (maneira pela qual estamos aludindo a esse sentimento, a essa lembrança, a essa imagem, a essa luz confusa, a esse desejo e a essa ideia, mencionados por Pascal), diz respeito tanto à verdade (importante salientar: exata (!); para dizer precisamente e de maneira tautológica, a “verdade verdadeira”) quanto à felicidade (o verdadeiro ou sumo bem), e é sempre por nós vivenciada como um sentimento de nostalgia, uma nostalgia experimentada pelo homem decaído que, devido a essa condição, é incapaz “de ignorar totalmente e de saber de modo certo [*d’ignorer absolument et de savoir certainement*]” (Laf. 131/Sel.164).

Detentor, malgrado ele próprio, de uma razão falha, desmesuradamente pretensiosa, imaginativa (fantasiosa), insuficiente, esse homem pascaliano (decaído e nostálgico) é um ser que quer conhecer as coisas que lhe importam com segurança, mas não pode; um ser que deseja assegurar para si uma felicidade, um bem inalienável, fixo, definitivo, mas é incapaz de atingir tal anseio; fica no intento; apega-se a tudo o que é fugaz, incerto, perecível, acabando por ter de assistir, mais cedo ou mais tarde, a “simples prancha” que tomava como tábua de salvação partir-se e ir-se embora no imprevisível “mar da incerteza”.¹

Pascal, ao reconhecer as águas desse mar em que os homens, na ânsia de atingir um bem estável, afogam-se, de maneira inelutável, não se compraz em somente descrevê-las; preocupa-se em delas salvar-lhes; pretende que eles possam emergir desse afogamento. É sua experiência da fé que o autoriza a indicar o único meio que seria mais do que uma frágil prancha, que se constituiria, efetivamente, como um instrumento de salvação nesse tempestuoso mar em que constantemente nos afogamos em busca da satisfação da necessidade de certeza

¹ Nietzsche, *Naissance de la Philosophie à L'Époque de la Tragédie Grecque*, cit. p. C. Rosset (2002, trad. J. T. Brum), e a “oração de Parmênides”: “Deem-me uma única certeza, ó deuses! Mesmo que no mar da incerteza não passe de uma simples prancha, suficientemente larga para nela estar deitado!”

que, segundo o próprio Pascal, nem o ceticismo pode suplantar, visto ser algo natural e invencível em nós.²

Essa forma de pensamento, o ceticismo, representa, para a filosofia, uma desagradável ameaça, na medida em que contradiz um de seus maiores ideais, que é a apreensão e justificação da realidade através da razão. Outro ideal filosófico envolvendo a razão é também constantemente ameaçado por outro tipo de pensamento tão indigesto quanto o cético, que é o pensamento trágico. Se o pensamento cético contesta o ideal racionalista ao dizer que não é possível dar conta de tudo, a tudo conhecer, a tudo explicar, valendo-se da razão, a tragédia indica, para esse mesmo ideal de racionalidade, que pretende a tudo dominar, a impossibilidade do controle total das ações dos homens e de tudo aquilo a que eles se apegam, na qualidade, aos seus olhos, de um bem. O fato trágico está, assim, além das forças, das capacidades e das expectativas humanas. Ele frustra, a um só tempo, nossos desejos, nossas previsões, e o próprio desenrolar ou, se preferirmos, o próprio drama (no sentido de ação) de nossa existência. A tragédia evidencia, da maneira mais crua, mais áspera possível, que, por mais que o homem tente se resguardar e se manter a salvo dos males, a salvo dos acontecimentos desagradáveis e indesejáveis, ele nunca estará, quaisquer que sejam seus esforços, suficientemente protegido, suficientemente amparado, dado ser infinitamente superior a ele esse elemento fundamental e chocante da existência chamado paradoxo.

O triunfo do trágico sobre o homem torna-se, devido a esse componente, o paradoxo, ainda mais arrasador, porque aquele, isto é, o homem, insiste em ignorar a essência deste (do paradoxo) que é escapar, sempre, a toda e qualquer *doxa* que a razão, a imaginação, o interesse, a fantasia, o desejo ou a ambição dos humanos são capazes de produzir. Por ser sempre, e necessariamente, o imprevisível, o inesperado, o paradoxo está sempre acompanhado da decepção; decepção porque os fatos, as coisas, decorrem justamente da maneira que não estava nos planos, da maneira que não se podia prever ou imaginar.

Essa frustração da fábula que cada um cria para si ao estabelecer metas, elaborar projetos, construir sonhos, traçar planos de felicidade ou ao simplesmente

² Daí Clément Rosset perspicazmente observar a respeito dessa questão em Pascal, em *O princípio de crueldade: Se a incerteza é cruel, é que a necessidade de certeza é premente e [...] inextirpável na maioria dos homens* (v. C. Rosset, 2002, 22 e 37).

viver a vida com todas as ilusões que ela comporta, é chamada, no drama trágico clássico, de *Peripécia* (Περιπέτεια), uma virada súbita – e, portanto, paradoxal (surpreendente) –, nas ações ou nos acontecimentos. Eis uma situação de peripécia:

Conto árabe – era uma vez, em Bagdá, um Califa e seu Vizir... Um dia, o Vizir apareceu diante do Califa, pálido e trêmulo: “Perdoa o meu pavor, Luz dos Fiéis, mas uma mulher esbarrou em mim na multidão, diante do palácio. Voltei-me: e essa mulher de tez pálida, de cabelos escuros, com o busto coberto por uma manta vermelha, era a Morte. Ao me ver, fez um gesto na minha direção. [...] Já que a morte me procura aqui, Senhor, permita que eu fuja para me esconder bem longe, em Samarcande. Se eu me apressar, chegarei lá antes desta noite.” Então, afastou-se a galope no seu cavalo e desapareceu numa nuvem de poeira na direção de Samarcande.

O Califa saiu então de seu palácio e também encontrou a Morte: “Por que assustou o meu Vizir que é jovem e saudável?”, perguntou. E a Morte respondeu: “Não quis assustá-lo, mas, ao vê-lo em Bagdá, tive um gesto de surpresa, porque o espero esta noite, em Samarcande”.

(Jacques Deval, *Esta noite em Samarcande*, ato I)³

A peripécia é um fato arrasador, mas o aspecto mais difícil, mais doloroso do trágico, não é a mudança repentina de fortuna, e sim o que vem depois dela: o reconhecimento – ou, como se diz na tragédia clássica, ἀναγνώρισσις. Esse momento crucial acontece quando a vítima do trágico, qual seja, aquele sobre quem a tragédia se abate, toma consciência de sua desdita, tem a exata dimensão sobre si mesmo, sobre a fragilidade de sua existência, sobre a vanidade, o nada, a insignificância de tudo; o momento em que se fica, como costumamos dizer, “sem chão”: as ilusões desaparecem, as esperanças vão se dissipam, restando apenas a realidade, nua, crua, incapaz de ser dissimulada.

Esse momento em que os homens reconhecem o seu próprio nada e o nada das coisas às quais costumam atribuir uma importância desmesurada constitui-se como uma etapa extremamente importante para Pascal. É esse reconhecimento da fragilidade do humano e da vanidade das pretensões mundanas, de sua inconstância e efemeridade, que pode nos fazer ir em busca de algo que seja mais do que uma “simples prancha” no trágico “mar da incerteza”.

³ Citado por C. Rosset, 2008, 35-36, trad. J. T. Brum.

Ao tomarmos consciência da existência do trágico, ao sabermos que nos apegamos a coisas vãs, perecíveis, incertas, temos a chance de olhar para dentro de nós à procura de uma luz que ilumine nossa busca por uma existência orientada por um bem estável, que nos garanta verdadeiramente uma vida feliz. Essa natureza sujeita ao acaso, ao imprevisível, ao caos, faz parte de uma desarmonia com uma ordem ou natureza primordial que, por um ato de extremo orgulho, de arrogância, de excesso de confiança (os gregos diriam *hýbris* ou descomedimento), o homem empreendeu, estendendo, a toda a sua descendência, as consequências dessa falta cometida.

No pensamento pascaliano, as implicações que a falta perpetrada pelo primeiro ser humano, já atravessado pela presunção, acarretou-nos consistem na incapacidade de ser feliz e na impossibilidade de deter a verdade: tudo o que mais desejamos no mundo. Eis, em virtude do orgulho e descomedimento adâmicos, a contradição que nos penitencia sem cessar:

Desejamos a verdade e só encontramos em nós incerteza.
 Buscamos a felicidade e só encontramos miséria e morte.
 Somos incapazes de não desejar a verdade e a felicidade e não
 somos capazes nem de certeza nem de felicidade.
 Esse desejo nos foi deixado tanto para nos punir como para nos
 fazer sentir de onde caímos.

(Laf. 401/Sel. 20)

É cara ao pensamento trágico, e isso desde os antigos gregos, a ideia de que, se uma ordem natural foi rompida, ela precisa ser restaurada.⁴ Pascal, sendo, por excelência, “o pensador da fé ardente e trágica”,⁵ não é indiferente a essa visão. A necessidade de nos reconciliarmos com essa ordem ou princípio natural que foi desajustado, perdido, por uma desmedida pela qual toda a natureza humana foi afetada, sofrendo com os efeitos dessa punição, é exatamente a

⁴ Clément Rosset se refere a essa questão, dizendo: “Tal é o impiedoso retorno das coisas, que ordena que, segundo um antigo pensamento grego, ‘todas as coisas se compensem segundo a ordem do tempo’ ” (C. Rosset, 2000, 136). Shakespeare alude a essa mesma ideia com a famosa frase de Hamlet: “*The time is out of joint*”.

⁵ J. T. Brum (2001, 6).

consideração que precisamos fazer para emergir do mar de precariedade em que estamos mergulhados. Nesse sentido, a noção de reminiscência – que tem a ver com *esse desejo que nos foi deixado tanto para nos punir como para nos fazer sentir de onde caímos* – desempenha um papel fundamental, pois faz com que possamos ter ciência de que nos resta algum instinto, mesmo que impotente, da felicidade de outrora, isto é, de nossa primeira condição,⁶ antes de a ordem se romper, antes de a realidade de nossa natureza ser a desarmonia. A reminiscência é a luz que carecemos para iluminar as trevas que encobrem a verdade e a felicidade que tanto almejamos. É no reconhecimento (*anagnōrīsis*) da realidade que nos concerne – marcada por uma grandeza passada e por uma miséria presente – que temos a chance de encontrar um alívio sólido para nossos males.

A consciência da miséria é, no entanto, algo que, de acordo com Pascal, o homem tende a repelir a todo custo; porque, ao vislumbrar o bem, a verdade e a felicidade ora perdidos, fora de seu alcance, ele é incapaz de enfrentar esse aspecto real e desagradável da existência; ao meditar sobre esse fato que lhe evidencia a tragicidade da vida, a vanidade das coisas do mundo, ele é lançado numa profunda nostalgia, no aborrecimento, na melancolia e na aflição.

Se a consciência que o faz reconhecer sua exata dimensão é vista não como motivo de esperança de restauração de uma ordem perdida, insinuada pela reminiscência, mas como causa de sofrimento, de angústia, nada melhor que apelar para o esquecimento, a ignorância, para enfraquecer essa memória e os sentimentos por ela produzidos. Para negar essa lembrança devastadora e a consciência de sua condição trágica, o homem então criará, voluntariamente, para si e para os que o cercam, ilusões que o impeçam de encarar o aspecto abrasivo de sua realidade.

Pascal autoriza-se, a partir disso, a afirmar que “a vida humana não passa de uma perpétua ilusão” e que “o homem não passa de disfarce, mentira e hipocrisia” (Laf. 978/Sel. 743). Não suportaríamos a vida nem os outros nem nós mesmos não fosse a série de quimeras que inventamos para ornamentar a existência, ignorar nossas fraquezas e esquecer a real miséria que nos concerne.

⁶ Laf. 149/Sel. 182: “Resta-lhes algum instinto impotente da felicidade de sua primeira natureza”.

“Trabalhamos incessantemente para embelezar e conservar nosso ser imaginário e negligenciamos o verdadeiro”(Laf. 806/Sel. 653).

O meio mais eficaz que o homem tem para afastar a lamentável visão e o angustiante sentimento que a consciência da miséria de sua condição provoca é o que Pascal denomina *divertissement*:⁷ “Não tendo podido livrar-se da morte, da miséria, da ignorância, os homens, para se tornarem felizes, tiveram a audácia de não pensar nisso” (Laf. 133/Sel. 166).⁸ O *divertissement* é a maneira que o homem tem de fugir de si mesmo, negar a inanidade das coisas e a tragicidade que envolve a existência. Uma vez vislumbrada a ausência de sentido e de valor de tudo o que normalmente se estima na vida, o mecanismo do *divertissement* permite que fechemos os olhos para esse dado e criemos uma relevância para o mundo e tudo o que ele inclui; relevância esta que, no fundo, é inexistente; como a consciência da fugacidade de tudo o que prezamos nos lançaria na angustiante contemplação do vazio, do nada, esse drible, esse invento da relevância será apaziguador e consolador e, embora não seja um alívio efetivo, será um remédio que, dissimulador do grande vazio, do abismo existencial que não podemos preencher nunca, far-se-á necessário para todos os homens que vivem em sociedade, desde o mais simples deles, como o artesão, até o mais importante, como o rei:

Qualquer que seja a condição que idealizemos, em que se reúnam todos os bens que nos podem pertencer, a realeza é o mais belo posto do mundo. Apesar disso, ainda que imaginemos um rei acompanhado de todas as satisfações que podem lhe concernir, se ele fica sem *divertissement*, e se o deixarmos considerar e refletir sobre o que ele é, essa felicidade lânguida não o sustentará. Ele se precipitará, por necessidade, nas visões que o ameaçam, nas revoltas que podem ocorrer e, enfim, na morte e nas doenças, que são inevitáveis. De modo que, se ele fica sem isso a que chamamos *divertissement*, eis que fica infeliz, e mais infeliz que o menor de seus súditos, que joga e se diverte. [...]

⁷ O termo *divertissement*, comumente vertido para a língua portuguesa como “divertimento”, “diversão” ou “entretenimento”, assinala nos *Pensamentos* todo tipo de atividade desviante, que impede o homem de pensar em si mesmo e de tomar consciência da miserabilidade de sua condição. O *divertissement* pode ser tanto aquilo que denominamos “distrações”, como jogar, viajar, conversar, dançar – em outras palavras, qualquer entretenimento, quanto afazeres que poderiam ser vistos como “sérios”, “graves” e “relevantes”, como a investigação científica, a arte (música, dança, poesia, pintura, etc.), as atividades políticas e até mesmo a guerra. Como os termos em português parecem não preservar a polissemia e a ambiguidade que a palavra guarda em francês, optou-se por indicá-la, aqui, no original.

⁸ « Les hommes n’ayant pu guérir la mort, la misère, l’ignorance, ils se sont avisés, pour se rendre heureux, de n’y point penser ».

O rei está cercado de pessoas que só pensam em diverti-lo e impedi-lo de pensar em si mesmo, pois fica infeliz, ainda que seja rei, se pensa em si.

(Laf. 136/Sel. 168)

O maior bem ao alcance de todo homem, seja ele rei ou Bufão, é essa possibilidade de “divertir-se”, isto é, desviar o pensamento das misérias de sua real condição, a partir de uma ocupação que seja capaz de enlevar e invadir inteiramente seu espírito e seu pensamento. E não é só durante um jogo de pela ou de bilhar que o homem “se diverte” (deixa de se considerar para entregar-se a uma distração). As chamadas “distrações”, aliás, com status explícito de passatempo, são as formas menos exímias de *divertissement*, pois são acompanhadas de uma certa banalidade que a consciência acusada deseja rejeitar; quanto maiores forem os ares de importância, gravidade e mérito de um *divertissement*, melhor e mais eficaz ele será. Um *divertissement* bem-conceituado, encarado como relevante, sério, esconde perfeitamente sua capacidade de distrair o espírito e ludibriar a falta de sentido das aspirações que criamos. Por que os homens vão à guerra? Por que buscam os grandes empregos? Por que aderem de bom grado à comédia humana que a vida em sociedade representa? Em nome do *divertissement*. “Sem *divertissement* não há alegria; com o *divertissement* não há tristeza. E é também isso que compõe a felicidade das pessoas de alta condição que têm um considerável número de pessoas que as divertem e que têm o poder de se manter nesse estado” (Laf. 136/Sel. 168).

Mas o *divertissement*, em si, não se constitui enquanto um objeto de crítica para Pascal. Essa busca frenética, desesperada, pela obtenção da satisfação no exterior é apenas um dos efeitos que os homens têm de enfrentar em sua natureza deturpada. Porém, tanto aqueles que condenam essa prática (os que gostam de “bancos os filósofos”) quanto aqueles que são condenados (os que atendem irrefletidamente aos impulsos de uma natureza que atua na função de suplente) são dignos de reproche: os filósofos, que aconselham o recolhimento e que não compreendem a necessidade impetuosa do homem de buscar a ação, e o homem comum, que julga que esse movimento incessante pode conduzi-lo, de fato, à felicidade.

Tanto o comum dos homens quanto os filósofos demonstram um completo desconhecimento da *verdadeira* natureza humana, a qual se manifesta através do

“sentimento”, da “lembrança”, da “imagem”, da “luz”, da “ideia” e do “desejo” interior que trazemos conosco. Essa reminiscência da primeira natureza nos instrui que nada do que buscamos na segunda natureza é capaz de nos dar uma felicidade verdadeira; no entanto, não é essa natureza que os homens costumam ouvir, pois o que predomina neles no estado de corrupção não é o que está relacionado ao seu interior, mas ao exterior, isto é, tudo o que diz respeito ao corpo, também chamado por Pascal na *Apologia* de “Máquina”, que é a parte que nos embrutece, que faz com que nos habituemos à condição de corrupção e nos tornemos semelhantes aos animais.⁹

Numa das passagens centrais das notas preparatórias de sua *Apologia da religião cristã*, Pascal, ao meditar sobre o desejo humano de felicidade e as diferentes formas de se buscar isso que seria o verdadeiro bem, escreve o seguinte:

[...] Após um tão grande número de anos, nunca ninguém, sem a fé, atingiu esse ponto a que todos visam. Todos se queixam: príncipes, súditos, nobres, plebeus, velhos, jovens, fortes, fracos, doutos, ignorantes, são, doentes, de todos os países, de todos os tempos, de todas as idades, de todas as condições.

Uma prova tão longa, tão contínua e tão uniforme, deveria muito bem convencer-nos de nossa impotência de atingir o bem por nossos esforços. Mas o exemplo nos instrui pouco. Ele nunca é tão perfeitamente similar que não guarde alguma delicada diferença; e, em virtude disso, esperamos que nossa expectativa não seja desapontada nesta ocasião como na outra; e assim, o presente não nos satisfazendo nunca, a experiência nos engana, e de desventura em desventura [*de malheur en malheur*], conduz-nos à morte, que é o eterno apogeu de tudo isso.

Que, então, nos brada essa avidez e essa impotência senão que houve outrora no homem uma verdadeira felicidade, da qual não lhe resta agora senão a marca e o rastro, completamente vazio, e que ele tenta inutilmente preencher com tudo o que o cerca, buscando nas coisas ausentes o socorro que não obtém das presentes, mas que são todas incapazes de socorrê-lo, porque esse abismo infinito só pode ser preenchido por um objeto infinito e imutável, ou seja, por Deus mesmo?

Ele, somente, é seu verdadeiro bem. E desde que ele o deixou, é algo estranho que não há nada na natureza que tenha sido capaz de assumir seu lugar: astros, céu, terra, elementos, plantas, couves, alhos-porós, animais, insetos, bezerros, serpentes, febre, peste, guerra, fome, vícios, adultério, incesto. E desde que ele perdeu seu verdadeiro bem, tudo pode, igualmente, parecer-lhe tal. [...]

Uns o buscam na autoridade, outros nas curiosidades e nas ciências, outros nas volúpias.

(Laf. 148/Sel. 181)

⁹ McKenna explica que “o corpo impede a visão clara do espírito” (McKenna, 2001, 354). Em Laf. 117/Sel. 149, Pascal escreve: “[...] sua natureza estando hoje semelhante à dos animais, ele [o homem] decaiu de uma natureza melhor, que lhe era própria outrora”.

Apenas pela fé – da maneira que Pascal a compreende, isto é, como um movimento que Deus inspira na alma humana, conduzindo-a em seus caminhos, mostrando-lhe seus propósitos – é que poderíamos alcançar esse sumo bem cujo desejo não é alheio a um homem sequer, a verdadeira felicidade. Em seu *Écrit sur la conversion du pécheur* (1657), composto por volta da mesma época em que começa a preparar a *Apologia*, Pascal escreve que uma das primeiras coisas que Deus infunde na alma humana, quando deseja tocá-la, é uma mudança radical de percepção; tanto dela própria quanto das coisas que lhe concernem. Uma vez tida essa inspiração, aqueles bens que eram vistos, antes dela, como apetecíveis, passam a ser avaliados de outra maneira por essa alma tocada por Deus: “ela considera as coisas perecíveis como perecendo e mesmo como já perecidas [...], vendo que cada instante arranca-lhe a fruição de seu bem, e que o que lhe é mais caro escoa-se a todo momento, e que enfim virá um certo dia em que ela se encontrará desprovida de todas as coisas nas quais depositou sua esperança” (CP, OC IV, 40).

A ideia que orienta, assim, todo o projeto apologético pascaliano do cristianismo, incluindo não apenas os *Pensamentos* mas também seus opúsculos elaborados em tom de escrita íntima, é que a busca humana pelo sumo bem, seja lá onde for que ele seja posto (*uns o buscam na autoridade, outros nas curiosidades e nas ciências, outros nas volúpias*), tende a terminar, sempre, em fracasso. Pascal considera perdida a verdadeira felicidade do homem, a qual era encontrada quando este tinha alguma consonância com Deus; tendo se afastado desse ser infinito, o homem, finito, passou a carregar dentro de si um vazio da mesma proporção desse ser do qual ele se distanciou, isto é, um vazio também infinito. Assim, por mais que trabalhemos para preencher esse vazio, nunca conseguiremos, já que as coisas a que nos atemos são finitas, transitórias, estando sempre fadadas à mudança e à perda. Qualquer via em que nos coloquemos, fora da que conduz a esse ser infinito, só pode nos conduzir a um bem fugaz, finito, com duração determinada; estaremos sempre no risco de perder o que nos alegra, o que nos compraz.¹⁰

¹⁰ Nesse mesmo sentido, Pascal diz na *Prière pour demander à Dieu le bon usage des maladies* (III) que nada, com exceção de Deus, é digno de amor, uma vez que nada – exceto Deus – é durável (*Prière*, OC IV, 999).

Podemos criar mil expectativas de que tais e tais caminhos ou afazeres ou paixões nos conduzirão a uma vida venturosa, podemos forjar mil projetos de felicidade, mas, basta um único instante sem *divertissement*, um só instante em que são interrompidas as buscas vãs, um instante sem movimento, um instante em que o objeto de nossa sensação de prazer pessoal decepçiona nossas expectativas e somos lançados num profundo desprazer, na melancolia, na frustração, na angústia.

Dentre todos os males, fraquezas, incômodos, vícios e enfermidades do homem, um se funda como o pior dos sofrimentos, como “a doença mortal por excelência”,¹¹ um mal-estar que, por mais que seja remediado, nunca se obtém sua cura, o *ennui*.¹² Segundo Cioran (1911-1995), esse problema tinha uma importância tal para Pascal que chegava a preocupá-lo mais até que a questão da graça (noção-chave de seu pensamento).¹³ Esse sintoma aparece como a mais incontestável da coleção de misérias que poderíamos identificar na condição humana; Pascal o descreve como uma “tristeza insuportável” (Laf. 36/Sel. 70).

Mas o *ennui* consegue justamente pôr em relevo a efemeridade dos supostos bens nos quais depositamos nossa expectativa de felicidade, além de demarcar nossa dependência, nossa qualidade de seres insuficientes, incapazes de sentir satisfação sem que esta esteja atrelada ao que está fora de nós, sem que resida nos outros, nos objetos, nas atividades, como é o caso do *divertissement*, esse contentamento que nunca pode ser visto enquanto nosso, como sendo de nossa posse, como estando em nosso domínio, posto que está associado a expedientes externos.

Compreendido esse tormento atroz no qual o *ennui* nos lança, compreendido como as nossas aspirações estão sempre na iminência de nos decepçionar – seja porque não se realizam, seja porque, quando se realizam, mais dia menos dia nos escapam –, essa gama de sentimentos penosos, que nos afligem

¹¹ Cf. C. Rosset, 2000, 128.

¹² O *ennui* aparece traduzido para o português como “tédio”. No *Dictionnaire du français classique (La langue du XVII^e siècle)*, de Gaston Cayrou, as definições apresentadas para o termo são as seguintes: “aflição”, “preocupação”, “violento desespero”, “desprazer”, “tormento insuportável”, “dor odiosa”; o *ennui*, nesse caso, exprimiria uma coleção de sentimentos. O termo é, por isso, mantido aqui em francês, ao invés de ser vertido para a língua portuguesa; no capítulo seguinte detalharemos a acepção de *ennui* no pensamento pascaliano.

¹³ “O *ennui*, que o preocupava um pouco mais que a graça, [Pascal] pensava nele incessantemente” (Cioran, 1956, 192).

de maneira recorrente, pode se consolidar como a situação ideal para levarmos adiante o ato mais importante que, para Pascal, podemos realizar na vida: o salto na fé, a aposta em Deus.

Esse *ennui* de que fala Pascal explicita que a necessária consolação para as nossas aflições não será jamais oferecida pelos vãos ideais do mundo e por tudo o que nele se encontra. Essa sensação cíclica de insatisfação abriria caminho para fé, na medida em que evidencia nossa incapacidade de atingir a realização plena, a felicidade e o verdadeiro bem, por nossos próprios esforços.